



" PÃO, SANGUE E CIRCO "

autor:Sérgio Ilha

PERSONAGENS

MONSIEUR PIROT, o sacerdote  
BARBIER, o interrogador  
SR. COLUMIER, o carrasco  
FRANÇOIS DEERAI  
MADELON D'AUBRAY, Marquesa de Brinwilliers  
FRANÇOISE ROUSSEL, a criada de guarda da Marquesa  
VIÚVA BRUNET SAINT CROIX, ex-mulher de Gaudin de Saint Croix  
ESCRIVÃO  
APARIÇÕES  
AJUDANTE DO CARRASCO  
CRIADOS  
DEMAIS FIGURANTES  
O APRESENTADOR

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

esta peça tem por base os fatos verídicos que envolveram  
uma das maiores envenenadoras da História



-1-

PROLOGO

(Os atores terminam de se vestir e maquiar às vistas da plateia; alguns atores, já vestidos, vendem ingressos e supervisionam a iluminação. Do elenco a equipe técnica, todos possuem rostos maquiados. O cenário representa um calabouço, com numerosas entradas e saídas, que vão dar em outras portas e galerias. Há um estrado ao centro do palco, onde é visto um aparelho de torturas, que mais se assemelha a uma prancha utilizada em execuções. Todos os personagens vestem-se de acordo com a época original, porém sob forma exagerada, maquiados grotescamente. Uma campainha ensurdecidora faz iniciar o espetáculo: todo o elenco vai tomando seu lugar em cena. Circulando pelo palco um dos atores dirige-se ao público, agindo como APRESENTADOR)

APRESENTADOR

Venham, senhoras e senhores! Venham ver o grande show desta noite: "A TRÁGICA ESTÓRIA DA MARQUESA DE BRINVILLIERS"-seus crimes e seu castigo: A chocante execução da mais célebre das envenenadoras da História, graças à perfeição do ilusionismo! (a atriz que fez a Marquesa entra sob uma chuva de aplausos e ssobies) E não é só: temos malabaristas, palhaços, contorcionistas, mágicos e mulheres bonitas! Aqui há de tudo: todos os tipos de gente: senhores, vassallos, duques, marqueses, religiosos, magistrados, senhoras, rameiras, criados, patrões, carrascos e supliciados. Hipócritas, mentirosos, tímidos, bondosos, sinceros, calculistas, incendiários, fetichistas, assassinos, perniciosos, alérgicos, ponderados, recatados e exibicionistas! Atentem para cada um de nós, rosto por rosto, gesto por gesto...somos parte de você.

PRIMEIRO ATOR

O show começa aqui....

SEGUNDO ATOR

Paris. A negra prisão de Conciergerie.....

TERCEIRO ATOR

CENA PRIMEIRA! ..

CENA I

(M. Zivot, Barbier, A Marquesa, o Carrasco e o Escrivão)

ESCRIVÃO

Leído a sentença) A Senhora Madelon D'Aubray, Marquesa de Brinvilliers, é acusada de envenenar Antoine Dreux D'Aubray, seu pai, Antoine, conde de Offenont e Charles D'Aubray Willar Ceaux, seus irmãos, além de atentar contra a vida de Soror Ane Marie D'Aubray, sua irmã e de Françoise Roussel, sua criada de quarto. A ré foi por estes crimes, condenada à tortura ordinária a fim de que confessasse sua culpa. Sendo esta comprovada, será levada ao cadafalso, onde terá sua cabeça apartada do tronco e, em seguida, lançados serão ambos lançados à fogueira.

INTERROGADOR

Diante desta situação, tem a sra. alguma coisa a acrescentar?

MARQUESA

Sou inocente. Se não acreditam no que declarei diante dos juizes, estou em suas mãos. Podem torturar-me. Tudo que aí se escreveu, não passa de uma horrenda mentira!

INTERROGADOR

Esperamos, para seu próprio bem, Marquesa, que suas palavras representem a

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MARQUESA

Sou inocente do que me acusam! Todos morreram da mesma enfermidade. Lhe juro, sr! Jamais atentei contra a vida de minha irmã e nem tampouco, contra a da criada Roussel!

(O interrogador faz um sinal ao carrasco, que amarra a acusada sobre a prancha. É simulado aí, o suplício da distensão dos membros)

INTERROGADOR

Dispomos do tempo que julgarmos conveniente, senhora....

MARQUESA

Estou dizendo a verdade!

INTERROGADOR

Queremos fatos e nomes; nada deve omitir, pois isto não a salvará da morte, bem sabe...

MARQUESA

O sr. não ignora que todas as provas foram insuficientes!

INTERROGADOR

O que esperamos, sra., é que as anule ou as comprove (primeiro repuxão; a marquesa geme)

MARQUESA

(Gritando) Pois nem com todos os demônios me farão falar qualquer coisa que me leve ao patíbulo! (Novo repuxo-a marquesa grita)

(Um homem traz Françoise Roussel, para prestar testemunho)

ROUSSEL

(Depois de olhar a marquesa, dirige-se ao interrogador.)

Françoise Roussel-criada de quarto da Sra. Marquesa de Brinwillier. Foi

ela quem, ao final da cela daquele dia, ofereceu a mim, uma fatia de presunto e algumas groselhas cristalizadas. Ao sair do quarto da minha sra senti-me tonta. Fortes dores no peito. Julguei estar a comida envenenada pois, após aquela refeição, estes sintomas persistiram ainda por três anos. (De repente, a criada muda de expressão, humanizando-se) Mas na minha opinião, sra. a marquesa.... (é levada para fora pelo homem que a trouxera. Aos gritos, a criada é retirada do recinto).... era uma boa se-  
nhora.... virtuosa....

(O Padre Pirot aproxima-se da acusada)

PIROT

Minha sra., rezo constantemente por sua alma; não deve ocultar a verdade

MARQUESA

De nada adiantam suas orações, monsenheur. Estou perdida!

PIROT

Se confessar tudo, salvará sua alma.

MARQUESA

É o meu corpo será lançado as chamas! Há algo melhor com que possa me confortar?

PIROT

Coragem, eu lhe peço, sra.?

MARQUESA

Perdoe o que eu lhe disse, monsenheur, isto é, sobre a oração.... reze, reze sim, reze por mim!

(O Interrogador interrompe, afastando o padre)

INTERROGADOR

Quem lhe fornecia veneno para os assassinatos? Como envenenou a srta. Roussel?

MARQUESA

Ela devia sofrer de algum mal.

INTERROGADOR

(Irônico) O mesmo que matou seu pai e irmãos? Temos aqui um estranho caso de contágio hereditário, como a sra. afirmou...

MARQUESA



O sr. quer me contrariar... como posso saber?

INTERROGADOR

(Faz um sinal para fora de cena. Um homem traz um pequeno cofre de madeira escura. O interrogador, tirando-o de suas mãos, apresenta-o para a srta. Marquesa que, com dificuldade, volta o rosto para olhar a caixa) Vê, sra, reconhece esta caixa?

MARQUESA

Sim!

INTERROGADOR

Foi ela usada como prova nê um no processo. Sabe, com certeza, o que continha esta inofensiva caixa....(ela titubeia) Uma confissão do Sr. Saint Croix, misteriosos frascos fechados e uma carta endereçada a sra....

MARQUESA

É verdade....

INTERROGADOR

A confissão foi queimada....porem, a carta, não! Era costume do Sr. Saint Croix lhe dirigir em suas cartas galanteios obscenos?

MARQUESA

Nunca neguei a minha ligação com o sr. Gaudin.

INTERROGADOR

(Lendo a carta) "Esta caixa lhe pertence...."(tirando os olhos da carta) Ele coloca aqui um palavrão, costumeiro em toda a carta, designado a nomear a sra. "Há nela, além dos frascos, muitas heranças. Se esta for encontrada antes...etc, etc, etc..." Há uma outra palavra aqui, que não identificamos. Tudo nos faz crer que seja mais um galanteio obsceno. E a carta prossegue nesses termos....Mas, falemos da caixa, que, segundo as palavras do morto, lhe pertencia: o que ele quer dizer com "nela há muitas heranças?" Alguma brincadeira? (Faz sinal ao carrasco para que repuxe a corda. A marquesa geme, mas nada responde. Novo repuxo.)

MARQUESA

(Em fúria) Matem-me! Ele mentia! Mentia em toda a carta!

INTERROGADOR

Os frascos examinados continham venenos...e também antídotos para cada um. O sr. Saint Croix era previdente....deixou-lhe a maior das heranças. Para que fosse completa, faltava apenas o quinhão de sua irmã...

MARQUESA

É mentira! Jamais desejei a morte de Marie para me apossar de qualquer herança! Se fui para Leodio à procura dela, foi em busca de consolo pela morte de meu amante. (Novo repuxão-ela grita)

INTERROGADOR

A sra. insiste em negar tudo! Seremos insistentes, também, até que tudo se esclareça....

(Padre Pirot adianta-se em direção ao Interrogador)

PIROT

Sr. Barbior, imploro pela justiça de Deus, que suspenda esta tortura impiedosa!

INTERROGADOR

A justiça tem seus métodos como a Igreja tem os seus. Guarde as orações para ela....a marquesa precisará delas quando chegar sua hora.

PIROT

Peço alguns minutos a sós com a acusada.

INTERROGADOR

Pois seja! (Sai com o escrivão)

PIROT

(Ao carrasco) Solte essa mulher e saia! (O carrasco obedece)

ATOR

GENA SEGUNDA!

MARQUESA

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

BRUNET

(Com desdém)Então, é você....!É pena vê-la assim, em tão mau estado! Enterrei meu marido.Mas, jurei a mim mesma, que a sra.o seguiria! Quero vê-los, os dois, ardendo no inferno, juntos....

PIROT

(Afastando a viuva)Não são horas de alimentar rancores!Peço-lhe que vá.

BRUNET

Chegar até aqui,não foi nada fácil!Porém, consegui a permissão...Tenho pessoas influentes do meu lado! (Aproxima-se novamente)Vim vê-la...e ver se realmente, era tão bela a ponto de virar a cabeça de um bom homem...(aperta um lenço nas mãos)

PIROT

Mais uma vez,peço que se retire.Sou responsável por esta mulher que, em breve, estará com Deus.

BRUNET

(Findo-se)Pense banha-la em água-bentô? (Para a outra) Vamos!

PIROT

(Para Brunet)Custa-me crer que a sra. seja humana!

BRUNET

E ela o foi, alguma vez?(Retira-se com a moça, sempre olhando fixamente a marquesa)

PIROT

(Para o homem)Como deixou esta mulher entrar?Peço não ser interrompido novamente, temos pouco tempo....

ATOR

CENA QUARTA

MARQUESA

(A sós com o padre)Monsieur,há algo que preciso lhe contar.Tenho omitido isso desde a minha primeira confissão com o sr....

PIROT

Estou escutando...

(Entram o interrogador,o carrasco,o escrivão e Desgrais)

MARQUESA

(Voltando o rosto)Já chegou a hora?

INTERROGADOR

Ainda não.Prosseguiremos imediatamente.(O carrasco amarra a marquesa novamente na prancha.Desgrais se aproxima dela)

DESGRAIS

Há algo que possa fazer pela sra.?

MARQUESA

O sr.cumpriu seu dever,oficial..Desgrais.Não o quero mal.Apenas,não consigo aceitar nada que venha do sr.!

DESGRAIS

Peço-lhe que esqueça o que aconteceu,para seu próprio bem.

MARQUESA

Não me fale do passado.O sr. me feriu muito.Acreditei em suas palavras,suas amabilidades e suas atenções.Era tudo falso,tudo preparado.O sr. esperava apenas o momento de me entregar à justiça.

DEGRAIS

Não tive escolha.Quando fui chamado a capturá-la em Leódio,naquele convento,de nada sabia e não ser do que se falava a seu respeito.

MARQUESA

E o quê se falava de mim?

DEGRAIS

Que era uma mulher má,uma assassina...

MARQUESA

(Como se nada ouvisse das palavras de Desgrais)Cheguei a amá-lo,era p...

PIROT

(Pedindo a Degrais que se afaste um pouco) Se assim o desejo a verdade deve vir a tona, sem nenhuma omissão.

MARQUESSA

(agitando-se) Cuço rumores... são eles novamente?  
(Pirot vai até a porta e se volta angustiado) Não começar de novo?

PIROT

(Controlando-se) Sim (limpa o suor com um lenço da manga)

MARQUESSA

(patética) Deus-tenha piedade de mim.

PIROT

Amém. (benze-se)

ATOR

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

**CENA SEXTA**

(Degrais corre para a porta e é afastado do caminho pelo Interrogador, e carrasco e o escrivão. Todos tomam suas posições iniciais. Pirot quer protestar, mas é impedido. Inicia-se a tortura. Por tres vezes a corda é puxada. Não suportando as torturas, a marquesa desmaia.

**A L U C I N A Ç Ã O**

Todos os personagens de cena voltam-se de costas, permanecendo estáticos. A Marquesa, ainda amarrada debate-se. Uma atmosfera fantástica é obtida, - graças à iluminação e a uma canção francesa, ouvida a princípio fora de cena; saídos de varios pontos escuros do palco, alguns figurantes, com vestes alvissimas, deslizam sobre leitos também brancos. Uma mulher também do branco entra cantando a cançoneta debochada: veste ela uma fina roupa de aristocrata, e traz consigo um cesto com flores, rascos e doces) Movimentação-circulando pelos espectros, estes vão tombando inertes ou retorcendo-se como que acometidos de um veneno mortal. Com uma gargalhada estridente, ela despe a roupa galante e mostra sua verdadeira identidade: A Morte. Suas inquietantes risadas ainda são ouvidas, quando a luz volta ao normal.

MARQUESSA

(erguendo a cabeça, suando muito e terrivelmente abatida) Sou culpada.

PIROT

(correndo para ela) Deus a iluminou!

INTERROGADOR

Uma sábia decisão (fazendo um sinal para o carrasco para que a solte) Estamos ouvindo... comece Marquesa, todos estão ansiosos.

ATOR

**CENA SÉTIMA**

MARQUESSA

(Solta das amarras, com os pulsos e tornozelos sangrando, é levada até um banco, que Pirot lhe oferece. Segura, pede ao sacerdote que se afaste. Bebe um pouco de água que lhe é dada pelo carrasco) Aos sete anos de idade, cometi o meu primeiro pecado. Acreditem ou não, eu... não conheci a virgindade. Com mais idade, já cometia pequenos crimes. - Fui incendiária. Porém, dessas minhas diversões, a única vítima foi o nosso cão de caça... o que é matar um simples animal? (pausa-ela olha para Pirot, amarga) Quando já estava em idade de casar, meu pai, o Sr. D'Aubray, apresentou-me o Marquês de Brinvilliers, Casmoenos. (pausa) O próprio Brinvilliers mais tarde, como meu pai, haveria de me apresentar a um homem chamado Gauvain de Saint Croix que em breve se tornaria meu amante. (Pausa) O Marquês, se endividava dia a dia com os gastos que fazíamos, e eu, cada vez mais cansada dele, abandonei-o pelo homem que seria mais tarde meu cúmplice. A separação do Marques não foi suficiente para unir-nos. Meu pai proibiu-me





de ver o Sr. Gaudin, pois, estando separada do marquês e sendo ainda muito jovem, estava sob a custódia paterna. Já havia, contudo, tomado as minhas providências: Santa Croix, estivera preso durante muito tempo e na prisão da Bastilha conhecera Exili, célebre envenenador romano. Foi ele, a fonte de inspiração para o nosso plano. E a primeira vítima estava escolhida: meu pai. (mede a assistência com o olhar) Não seria, entretanto, a primeira: pois, gozando a fama de virtuosa senhora, generosa com a pobreza (ouve-se a cançoneta francesa ao fundo) desde que me casei, contínui a visitar os hospitais da cidade, onde os enfermos, escolhidos por mim, recebiam, inocentemente, pequenas doses de veneno, sob a aparência de doces e remédios, que eu habilmente preparava, às escondidas das religiosas guardiãs. Foram estas, na verdade, as primeiras vítimas. Juro-lhes, senhores, seria impossível dizer o número exato delas. Mas, após as minhas visitas diárias, todas, uma a uma, iam enfraquecendo, até a rigidez mortal. Estas inocentes cobaias, fizeram do envenenamento do Senhor D'Aubray, meu pai, um crime sem suspeitas, sem vestígios delatores.

Foi fácil despistar os criados e partir com meu pai, sozinha para a casa que possuíamos fora da cidade (tem um momento de insanidade, imita o pai) "Ó meu querido, dia e dia, as dores não cessam, filha, chame um médico... um médico..." (mudando) O veneno que doitava dia e noite à sua comida, foi porém mais rápido que a chegada do médico da família: nenhuma vestígio de doença desconhecida... mistério... (sádica) Jamais sai da sua cabeceira, jamais. Fui incansável e dedicada, fui exemplar como nunca havia sido... até que seu corpo baixou à sepultura! (pausada) O mesmo acontecia, pouco tempo depois à Charles e Antoine, meus irmãos e novos tutores, a quem tive de matar para recuperar minha liberdade novamente. Contudo, fui cautelosa: o criado de La Chaussé, executou tudo, eu apenas assumi a posição de mandatária. Os médicos, nada sabiam explicar, somente comprovavam serem os mesmos sintomas da doença de meu pai.

Livre da tutela paterna e de seus irmãos, comecei, entretanto, a temer Gaudin. Levava ele vida faustosa, com o dinheiro que obtinha da mim. Cheguei a temer ser vitimada por um dos seus venenos...

Forém, esta impressão não persistiu... o Senhor de Saint Croix, morreu, pouco tempo depois, vitimado por um de seus próprios preparados, quando experimentava um contra-veneno. (pausa) Só e endividada, parti para Leódio: refugiei-me num convento de carmelitas, onde minha irmã Soror Marie, recebeu-me de braços abertos.

Fui traída e presa, quando começava a pensar que a pequena parte da herança paterna deixada à minha irmã, era demais para uma carmelita....

Já presa, eu própria, teria bebido algum dos meus venenos que trazia escondida, contudo, não tive chance para tal. (indefesa e temerosa) Tanta sempre o que faziam comigo, se um dia fosse apanhada... (pende a cabeça)

ESCRIVÃO

(murmurando) É tudo?

INTERROGADOR

Mais alguma coisa a acrescentar?

MARQUESA

Mais nada. É tudo que sei. (lhe é dada a confirmação para assinar)  
(O Escrivão se retira. Piroet está comovido visivelmente. Degrais, entretanto tem a fisionomia perturbada, caminha a passos lentos até a Marquesa)

DEGRAIS

Porque? (repete com angústia) Porque?

MARQUESA

(citando-o patética) Sobre honra... enlouqueceu.

DEGRAIS

A senhora os matou... a todos? É ou é julgado a pouco inocente...

MARQUESA

Na verdade não é ora... nunca é ora.

DEGRAIS

(quase enfurecido) Porque eu matei?

MARQUESA

Pergunte a um ladrão, porque ele rouba... e talvez não terá nada. Matei-os, é verdade. Porque? Impediam-me de viver livre... sem medo, sem perder tudo a liberdade e a vida por causa dos que matam, porque tanto espantam (ao mesmo tempo abalada com a reação de Degrais)

PIROT

(interrompendo e afastando Degrais em fúria, mais com sigilo mesmo, do que com ela) Convém que repouse um pouco, senhora...

MARQUESA

(consciente do que está por vir) Pouco tempo resta...

INTERROGADOR

(adiantando-se solene) Minha missão termina aqui. (para a Marquesa) A do - Monsenhor Pirot começa agora. Seria desnecessário desejar-lhe coragem, senhora (retira-se com um gesto de cabeça)

(Entra o ajudante do carrasco com um objeto envolto em uma peça de pano escuro. A Marquesa parece adivinhar. O sacerdote procura ocultar-lhe as operações que se fazem para a sua execução. Prepara-se o cepo para a marquesa, a mesma branca viscosa e já ensanguentada pelo sofrimento de milhões de vítimas)

O aparelho mais se assemelha a um cepo de açougue, os ganchos e correntes que pendem do teto, completam o quadro sangrento.

DEGRAIS

(parcialmente recuperado da crise, estende-lhe a mão e a deixa pender no - vento) Senhora, eu... perdo-me... (sai sem mais nada dizer)

MARQUESA

(para si mesma num sussurro) Adeus Senhor Degrais.. (para o sacer - dote) Chegou a minha hora?

PIROT

Sim (entre as lágrimas e o dever de se portar com coragem para confortá-la) Coragem!...

ATOR

CENA OITAVA

(Dois criados penetram na sala.

(Podem ser duas mulheres ou um homem e uma mulher)

CRIADA

(trazendo roupas para a execução, indo despir a senhora Marquesa) Volte - se, Reverendíssimo, vou despir a senhora Marquesa.

PIROT

Isto é ridículo, eu sou um ministro de Deus.

CRIADA

(sussurrando) Perdão, mas não queria que ela ficasse envergonhada diante de vossa reverendíssima (Faz sinal para que o criado vire o rosto para o outro lado)

(O criado traz consigo uma bacia para lavar as feridas da marquesa, e o fez quando ela ainda não foi despida)

PIROT

Já me posso voltar?

CRIADA

Sim, certamente, reverendíssimo.

(O ajudante do carrasco se aproxima, e com uma forte corda, prende as mãos da Marquesa, atrás das costas. Os dois criados se afastam. Pirot se apro - xima)

PIROT

Lembre-se de minhas palavras, "Não importa o que o nosso corpo..."



**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(quase num grito, interrompendo-o)

Perdoe-me a ousadia, porém preciso saber se fui atendida no que pedi e poucas horas supliquei ao senhor, sem ainda ter resposta...

PIROT

(exita) Gostaria de lhe dar uma boa notícia. (pausa, para que ela compreenda) Estarei rezando ainda pela senhora, na missa de amanhã, fique sossegada... (a marquesa compreende a situação. Os dois carrascos seguram-na pelos braços.)

LUZ NA PLATÉIA, A GENA PARA, LUZES DE SERVIÇO NO PALCO.

Saindo de seu papel, assia como os outros, o ator que faz Pirot dirige-se ao público)

PIROT

Acaso, meu amigo, o Monsieur Pirot poderia fazer mais do que ser? Afinal, ele é um simples sacerdote...

CRUADA

E ela é culpada, e se não o é, quem o será? Sei o que pensam, senhoras e senhores: somos cruciais, frios, impiedosos... Mas o que podemos fazer?

CRUADO

Alguém terá de fazer isso, porque não um de nós? (dirigindo-se à alguém na platéia) Poderia ser você...

CRUADA

Você... (para outra pessoa)

PIROT

Ou você, .... é você mesmo.

CRUADO

Na verdade, meu amigo, todos pensam o mesmo, quando alguém sobe ao cenário do cadafalso... "jamais acontecerá comigo"...

Pura ilusão, todos vocês serão executados um dia, os meios, sim é que poderão ser diversos... quem sabe. Varia-se o sepo, todo o carrasco envelhece e morre, nenhuma de suas vítimas, a seguro, subirem duas vezes ao patíbulo. Apenas uma coisa é sempre igual...

CRUADA

CRUADA

Sim... e por ela passamos perto... cada vez mais perto... convivemos com ela, dizia, eu...

PIROT

Muitas vezes a chamemos quando já se vai longe... e a abraçamos sem relutar.

CRUADO

Ela quem sorria com ela, tendo-a como convidada...

CRUADA

Há quem a deseje para o seu vizinho... ou seu amigo, ou ainda a um a ilhão de pessoas...

Ou, porque não, ao mundo inteiro?

PIROT

Foram de uma coisa temos certeza: ela vai igual para todos pobres e ricos, escravos e senhores, acusados e acusadores!

CRUADO

... mas quem iguala todos os povos, todas as raças, todas as nações, todos os homens... Mas, isto não importa. Pois vocês já a conhecem muito bem: nos jornais, nas ruas, no dia a dia... Porque falamos dela, se todos nós a conhecemos? (Mudando de tom, impondo suas palavras à platéia)

O senhor e a senhora, pagaram para ver esta mulher MORRER... Sim, por esta razão estão aqui. Pois assim será. Não iremos decepcionar ninguém. Esta mulher terá pagar pelo que fez...

VOLTA AS LUZES DA GENA ANTERIOR-OS ATORES VOLTAM AOS PERSONAGENS

ATOR

GENA NONA

## Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(Os dois carrascos conduzem a Marquesa até o estrado, onde está o cadafalso. A Marquesa é deitada na prancha inclinada. O Padre Piroet, exortando-a, dizendo que a condenada rese com ele até morrer)

### PIROET

(Benzendo-se e prosternando-se) Repita agora comigo... Jesus, filho de Deus (pouse e ela repete) e de Maria (ela repete) tenha piedade de mim (idem) Maria (idem) filha de Davi e mãe de Cristo (idem) Rogai por mim (idem) Meu Deus (idem) eu entrego nos vossos braços para ser punido (idem) o meu corpo (idem) que não passe de pó (idem). Tenho fé (idem) que um dia (idem) ele ressuscitará (idem) para se unir de novo à minha alma (idem) Magnai-vos Senhor (idem) e receber esta alma (ela não chega a repetir esta frase por inteiro, o golpe do machado faz a sua cabeça tombar no cesto, ou no próprio estrado, com fome e encanador)

(Horrorizado, Piroet se benze) Louvado seja o nome de Cristo! Amém.

**MOVIMENTAÇÃO**-o corpo e a cabeça são postos num lençol olvíscimo e levado para fora de cena pelo criado e os dois carrascos. O padre encaminha-se lentamente para o capo e poussa a mão sobre o sangue vertido: leva-o ao rosto, cheirando-o. A criada chora baixinho. **BLACKOUT TOTAL**)

### ATOR

#### CENA ÚLTIMA

#### APRESENTADOR

(sentado, vestindo uma capa negra até os pés) O corpo de Madelon D'Aubray - Marquesa de Brinvilliers, após a execução, foi queimado em praça pública. Suas cinzas espalhadas pelo vento, foram disputadas com vaivém na manhã seguinte, pelo povo que a julgou santa.

Madelon D'Aubray está até hoje nas chamas do inferno para purificar seus crimes, que eram tantos, que nem todas as orações do bom Monseigneur Piroet, foram suficientes para salvá-la. Isto porém, aconteceu e muito tempo e já foi esquecido. O que vocês viram, não passou de mera encenação e brincadeira. A Marquesa, é uma atriz e não cometeu crime algum... Não sofreu torturas de verdade e nem tampouco perdeu sua linda cabeça... Como vêem, senhoras e senhores, não somos sérios, nem perversos, nem indiferentes ao sofrimento humano. Tudo isto é uma farsa, e não queremos que ninguém leve problemas ou apreensões para casa.

O teatro não foi feito para isso, e sim para divertir vocês.

Esta mulher morre todas as noites para o seu divertimento. Isto é uma farsa, repito, um show, nada mais que um show! (despe a capa negra: está vestido inteiramente de vermelho).

**DIZES DE TODA A PARTE:** O CENÁRIO DA PRISÃO É INSTANTANEAMENTE MUDADO PARA O PALCO DE UM SHOW DE VARIEDADES (OU UM CIRCO)

(Todos os personagens vem à cena, com excessão da marquesa, vestidos de cores vivas, representando palhaços, mágicos e malabaristas. Sob as pretensões e despretensadas fantasias, vêem-se as mesmas pálidas e perturbadoras maquiagens. Tudo é falsamente divertido) **MÚSICA CIRCENSE**

#### APRESENTADOR

Venham, senhoras e senhores! Venham ver o grande show desta noite!

#### ATOR 1

"Atrágica estória da Marquesa de Brinvilliers"-seus crimes e seu castigo

#### ATOR 2

A chocante execução da mais célebre das envenenadoras da História, trazida a perfeição do ilusionismo!

#### ATOR 3

E não é só:

#### ATOR 4

Temos malabaristas, palhaços, contorcionistas, mágicos e senhoras bonitas!



ATOR 5

Aqui há de tudo: todos os tipos de gente:

SENCO

(ua por palavra) senhores, vassallos, duques, marqueses, religiosos, magistrados, senhores, ransiras, criados, patrões, carrascos e suplicados. Hipócritas, mentirosos, tímidos, bondosos, sinceros, calculistas, incendiários, fetichistas, assassinos, perniciosos, falsários, ponderados, recatados, exibicionistas, etc, etc,

A MÚSICA TORNA-SE CADA VEZ MAIS ENSURDECEDORA ATÉ QUE AS VOZES NÃO SÃO MAIS OUIDAS E TUDO SE ENQUILHA NA MAIS COMPLETA ESCURIDÃO. -  
UMA FORTE E ESCRIDENTE CAMPAINHA ENCERRA O ESPETÁCULO.

FIM

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025